

Marcelino Champagnat

E A CRISE DE 1826

POR ANGELO RICORDI
ESPECIALISTA DO MEMORIAL MARISTA



A CRISE É UMA ESPÉCIE DE *marca humana*, ALGO ESSENCIAL NA DINÂMICA DO CRESCIMENTO PESSOAL E ESPIRITUAL.

Não existe vida que não pressuponha a experiência da crise. Essa palavra origina-se do termo grego *krisis* e remete a uma pluralidade de sentidos: fundição e purificação, bem como separação, escolha, discernimento e juízo, entre outros.

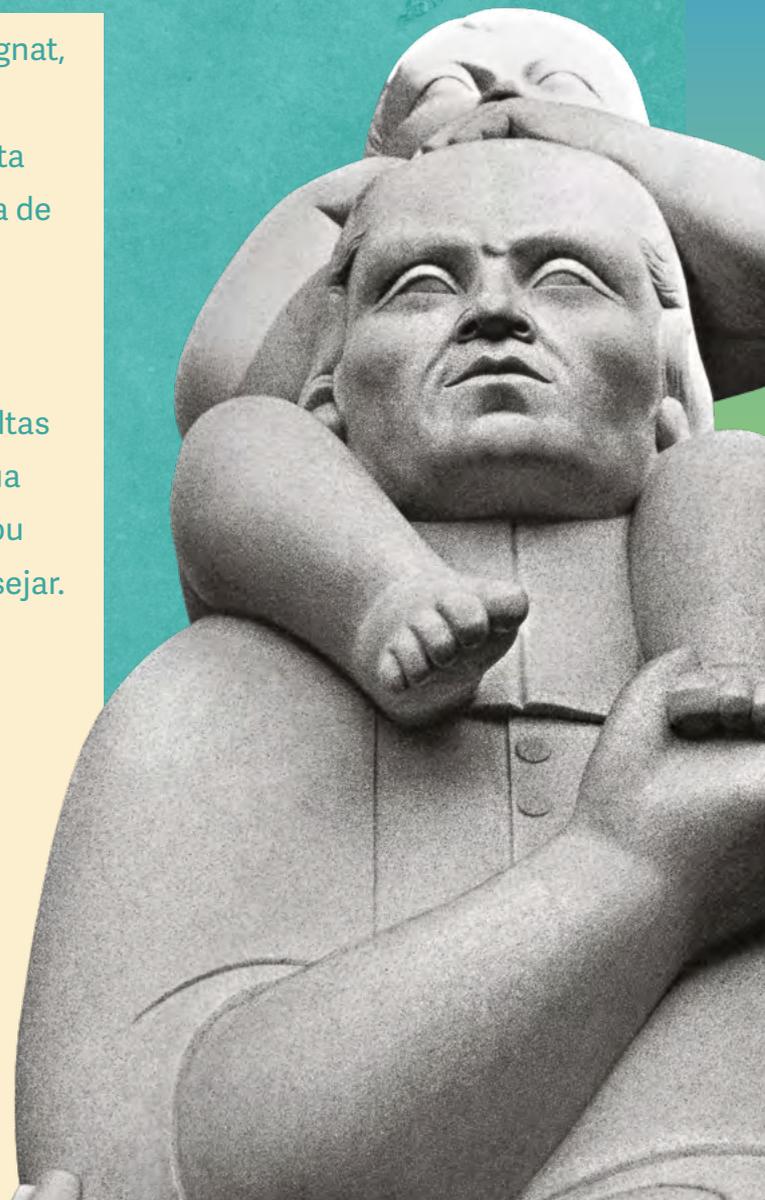
Para a nossa reflexão vamos utilizar o conceito de crise como oportunidade de purificação em vista de um melhor discernimento que nos ajude a chegar a um juízo mais apropriado do momento em que vivemos.

NA TRADIÇÃO *Marista*,

em especial na vida de São Marcelino Champagnat, podemos observar diversas crises. Sua vida, assim como a de todo ser humano, não foi isenta de episódios em que a purificação foi precedida de uma verdadeira **"fundição"**.

Aliás, essa é uma excelente imagem: para ser derretido, o metal precisa passar por altas temperaturas, e justamente nesse momento sua estrutura se torna maleável, dando ao ferreiro ou artesão a possibilidade de o formatar como desejar.

Quando olhamos as crises pelas quais passou Marcelino e o Instituto, e que agora estamos a passar, nos sentimos no meio dessa fundição, dessa situação em que as estruturas sólidas de nossas certezas e escolhas são liquefeitas por um "fogo" que eleva a "temperatura" na qual estávamos acostumados a seguir com as nossas vidas.



A CRISE DE 1826 É UM DESSES MOMENTOS DE *verdadeira purificação.*

Para entendermos a extensão dessa crise, é necessário voltar aos inícios da instituição. Depois de fundar o Instituto Marista em 1817 e de superar a forte crise vocacional de 1822, a nova congregação começa a prosperar. A ampliação da casa de La Valla se mostra insuficiente para acolher os novos noviços que se apresentam, como descreve Champagnat:

“ QUANTO A LA VALLA, ACHO QUE TEREMOS MUITOS ALUNOS E TAMBÉM MUITOS POBRES. GRAÇAS A DEUS! FAREMOS O POSSÍVEL PARA ALIMENTÁ-LOS. APRESENTAM-SE IGUALMENTE MUITOS NOVIÇOS, MAS A MAIORIA DELES SÃO POBRES E MUITO JOVENS. ”
(CARTAS, N. 1)

Na mesma correspondência ao Irmão João Maria, Marcelino compartilha a grata surpresa com o rápido crescimento do Instituto.



Em 1824, com a chegada do novo arcebispo de Lyon, **Dom Gaston de Pins**, Marcelino consegue apoio importante para sua obra: recebe a autorização em fornecer um hábito religioso para a sua congregação e tem a permissão para a compra do terreno de **l'Hermitage**. Além disso, num gesto de confiança e benevolência, o arcebispo autoriza a vinda do padre Courveille para auxiliar Marcelino no governo dos Irmãos.

Os meses que se seguiram foram de intensos trabalhos para Marcelino e os Irmãos que auxiliavam os pedreiros contratados para a construção do edifício de l'Hermitage. Assim como na reforma da casa de La Valla, surgiram muitas narrativas, sobretudo da tradição oral, em que Marcelino é posto como o principal responsável por toda a obra, destacando-se, por uma força fora do comum, nos trabalhos mais difíceis.

O EMPENHO RIGOROSO ASSUMIDO NA CONSTRUÇÃO DE L'HERMITAGE, SOMADO ÀS VIAGENS CANSATIVAS QUE REALIZOU, POR VOLTA DA FESTA DE TODOS OS SANTOS, ÀS ESCOLAS DOS IRMÃOS, LEVOU O FUNDADOR A UM VERDADEIRO COLAPSO FÍSICO E MENTAL.

Depois da celebração do Natal de 1825, caiu gravemente enfermo, a ponto de ter sido necessário fazer um testamento, em caso de falecimento. Nesse cenário podemos observar o enfrentamento de uma grande crise na vida de Marcelino e do Instituto.

Vamos abordá-la a partir de diferentes aspectos: **saúde, finanças, liderança, solidão, perda de prestígio** e, por fim, **deserção de alguns dos seus primeiros discípulos.**



CRISE DA *saúde*

Sabemos que padre Champagnat, durante os trabalhos na construção da casa de l'Hermitage, ultrapassou os limites físicos de suas próprias forças. Trabalhava horas a fio, mesmo sob forte nevasca e sem proteção adequada. Ele tinha a urgência de entregar o mais rápido possível uma casa que servisse de sede para o crescente Instituto. Ao final da construção, em maio de 1825, a casa contava com vinte Irmãos e dez postulantes, sob a direção do padre Marcelino e do padre Courveille.

HÁ TAMBÉM UMA
PERSPECTIVA
*místico-
espiritual.*

Segundo **Lanfrey** (2015, p. 111), para Champagnat e Courveille, Hermitage não é só a continuidade de La Valla, mas o surgimento da Sociedade de Maria, seja como ramo dos Irmãos para o apostolado da escola, seja como ramo dos padres para orientação dos Irmãos e a atividade missionária. O edifício físico foi concluído, mas o espiritual, entendido como a Sociedade de Maria, encontrava dificuldades para sua consolidação, por **dois motivos...**

Os Irmãos mais antigos, formados numa tradição menos hierárquica e de forte cunho laical, não se adaptaram imediatamente à nova configuração da comunidade tutelada por outros sacerdotes, com um projeto mais amplo como era o da Sociedade de Maria. Hoje, diríamos que houve um **choque de cultura**.

1

2

Padre Courveille, líder espiritual da Sociedade de Maria, não teve maturidade para entender que a forte relação dos Irmãos com Marcelino tinha sido construída sete anos antes, no início do Instituto, em La Valla. Diante do fracasso em ser considerado pelos Irmãos como seu fundador, ficou desequilibrado emocionalmente e por infelicidade causou um **escândalo moral**, levando a seu afastamento da comunidade de l'Hermitage.

SEGUNDO O IRMÃO JOÃO BATISTA FURET, TODOS ESSES DISSABORES, SOMADOS À FORTE PRESSÃO FINANCEIRA, AO CANSAÇO EXTREMO PELOS TRABALHOS DE L'HERMITAGE E À NECESSIDADE DE VISITAS CONSTANTE ÀS ESCOLAS (ERA DEZEMBRO DE 1825), LEVARAM O FUNDADOR A UM ESGOTAMENTO FÍSICO QUE POR MUITO POUCO NÃO O CONDUZIU À MORTE.

Na literatura Marista não dispomos de detalhes do que aconteceu exatamente com padre Champagnat, mas em pouco tempo perdeu todas as suas forças a ponto de não conseguir assinar o Testamento firmado junto à sua cama pelo notário de Saint-Chamond.

Sabemos apenas que essa doença deixou marcas que o acompanhariam até a morte, em 1840. Mesmo depois de reestabelecido, Champagnat nunca mais foi o mesmo. As lendas do homem de grandes forças são todas anteriores a esse fato. Daqui em diante, Marcelino não terá as mesmas disposições físicas de antes.

*primeira
purificação*

Marcelino se vê diante da fragilidade da vida e das forças vitais.

Ancora sua existência na atitude da confiança de força maior que é capaz de sustentá-lo.

CRISE financeira

A notícia do agravamento da saúde do padre Champagnat espalhou-se rapidamente entre alguns credores, contribuindo para trazer à tona uma arriscada contabilidade mantida por Marcelino, mas também por Courveille.

Em 1824, o arcebispado autoriza a construção de l'Hermitage afirmando categoricamente:

“ O PROJETO CORRERÁ POR CONTA PRÓPRIA. ”

Por isso, em 13 de maio de 1824, Champagnat e Courveille fazem junto a Monteiller um empréstimo de 5 mil francos para a compra do terreno, pagáveis em um ano, com juros de 5%. Nesse mesmo ano, Champagnat e Courveille farão novos empréstimos junto a outras pessoas:

Data	Devedor	Beneficiário	Quantia
03/07/1824	Champagnat e Courveille	Thiolière	500 F.
02/10/1824	Champagnat e Courveille	Bonnard	3.000 F.
04/10/1824	Champagnat e Courveille	Thouilly	100 F.

Somados aos 5 mil francos emprestados anteriormente, a dívida de Marcelino e Courveille em 1824 chega quase a **10 mil francos**. Para se ter uma comparação, o salário anual de um operário na época variava entre 300 a 400 francos.

É, portanto, compreensível pensar que a crise financeira tenha começado muito antes da doença de Marcelino, que acontece em final de dezembro, podendo ser, juntamente com o desgaste causado na relação com os padres Courveille e Terraillon, um dos fatores que somado ao seu esgotamento físico o levaram a um verdadeiro colapso.

O fato de não conseguirem pagar o empréstimo de 5 mil francos em 25 de maio de 1825 revela a situação precária das finanças da casa. Após ouvir a situação financeira da comunidade, Monteiller aceitou receber provisoriamente 2 mil francos, mas ficou claro para Marcelino que os empréstimos teriam que ser negociados num futuro imediato.

A complicada relação do padre Courveille com os Irmãos não interferiu em **novo pedido de empréstimo** conjunto com o padre Champagnat, desta vez de 12 mil francos com a senhorita De Divonne, em 13 de dezembro, dias antes de sua grave enfermidade.

A PARTIR DE 26 DE DEZEMBRO, COM O AGRAVAMENTO DE SUA SAÚDE, CORREU A NOTÍCIA DA POSSIBILIDADE DE SUA MORTE.

Em 6 de janeiro de 1826, foi realizado o seu testamento. Padre Terraillon se recusou a ser seu signatário. Graças à intervenção do Irmão Estanislau, padre Verrier, amigo de Champagnat, aceitou ser o responsável pelo documento. Foi nesse tempo que muitos credores reclamaram seus empréstimos junto à comunidade de l'Hermitage. Ajudou a tranquilizá-los o pagamento de 6 mil francos, pelo pároco de Saint-Chamond, padre Dervieux, para os títulos mais urgentes. Logo em seguida, Champagnat foi convidado a se restabelecer na casa do padre Dervieux, onde poderia ter melhores cuidados. Nesse período, l'Hermitage ficou sob a responsabilidade dos padres Courveille e Terraillon.

Em 15 março de 1826, pensando em formas de mitigar as dívidas, Champagnat recebeu a permissão das autoridades locais para a instalação de um moinho em l'Hermitage. O plano era levantar certo dinheiro com a fiação da seda. Note-se que o empreendimento se destaca por não fazer parte do objetivo primário da Instituição: o ensino das crianças do campo. Isso revela a capacidade criativa e empreendedora de Champagnat para responder aos efeitos da crise financeira em que se encontrava.

UMA *ajuda importante*
PARA AS FINANÇAS DE L'HERMITAGE
NESSE PERÍODO FOI O EMPRÉSTIMO DE
12 MIL FRANCOS, EM 1º DE MAIO DE 1826,
PELO PADRE PETITAIN, PÁROCO DE AMPUIS.

Em troca, Marcelino pagou com a manutenção dos serviços da escola paroquial de Ampuis, fundada no ano anterior. Isso permitiu que Montpellier recebesse os 3 mil francos ainda devidos a ele pela aquisição do terreno de l'Hermitage.

Com as saídas de Courveille e Terraillon, em maio e outubro de 1826 respectivamente, Champagnat fica sozinho à frente do governo dos Irmãos, da supervisão das escolas e do controle administrativo da congregação.

O momento mais agudo da crise financeira se deu concomitantemente à deterioração de sua saúde, e foram de fundamental importância no socorro ao fundador o Irmão Estanislau e os padres Verrier e Dervieux.

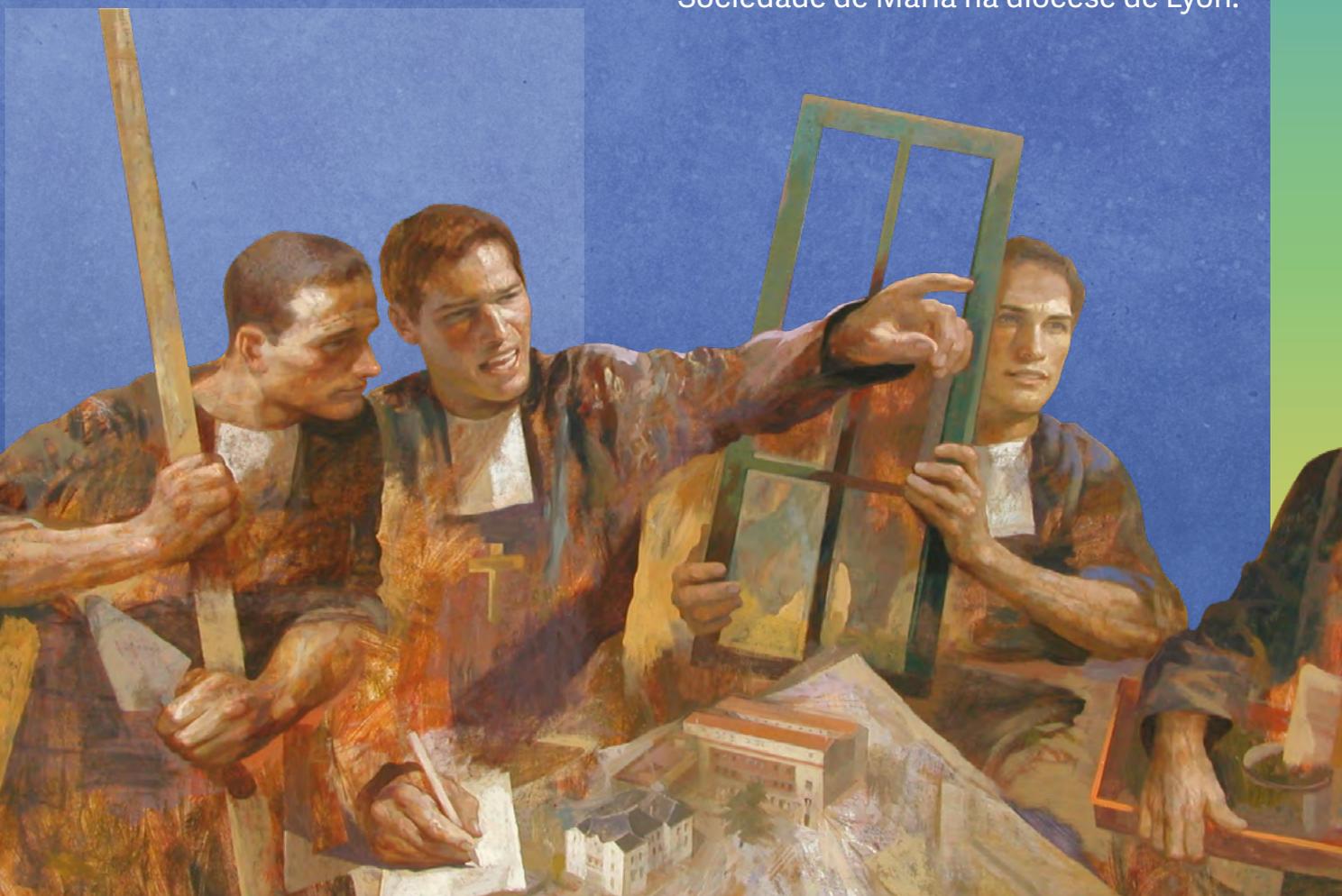
*segunda
purificação*

Marcelino ressignifica a função dos recursos

e se dá conta da solidariedade recebida dos seus amigos.

CRISE DE *liderança*

A crise da liderança espiritual da Sociedade de Maria foi, sem sombra de dúvidas, a **mais intensa** vivida por Champagnat. Desde os anos finais no Seminário de Lyon, Marcelino havia se vinculado ao projeto da Sociedade de Maria. Após a Promessa de Fourvière e passados alguns meses de sua chegada à La Valla, ele dá início ao Instituto dos Irmãos. A construção de l'Hermitage e a chegada do padre Courveille e depois do padre Terrailon são uma tentativa de consolidação da primeira comunidade da Sociedade de Maria na diocese de Lyon.



A CRISE INSTAURADA ENTRE OS IRMÃOS E OS PADRES COURVEILLE E TERRAILLON SÃO INCLUSIVE UMA *surpresa* PARA MARCELINO CHAMPAGNAT.

Uma hipótese para essa crise é encontrada no início da formação da primeira comunidade de La Valla. Champagnat desde o início favoreceu a autonomia da comunidade e incentivou-a entre os Irmãos, por meio da eleição para escolher seu primeiro diretor, Irmão João Maria. Outras funções como mestre de noviços também foram distribuídas entre os Irmãos.

Com a chegada dos padres cria-se certo desequilíbrio nesse cenário. A tutela dos padres Courveille e Terrailon não são bem acolhidas pelos Irmãos, em especial os mais antigos, portadores da tradição das origens, com destaque ao Irmão Estanislau.

A QUEDA DO PADRE COURVEILLE FOI O GOLPE *mais duro* DE TODA A CRISE DE 1826.

Para Marcelino, ele era o grande idealizador da Sociedade de Maria. Havia uma proximidade espiritual entre eles, ambos oriundos da diocese do Puy, importante santuário mariano onde Courveille recebeu a inspiração de fundar a Sociedade de Maria. Sua queda colocou padre Champagnat numa situação inesperada, segundo Lanfrey:



ESSE FRACASSO DE 1824 A 1826, NA VERDADE, É O DA SOCIEDADE SONHADA EM 1816 POR COURVEILLE, MAS TAMBÉM POR CHAMPAGNAT. COURVEILLE NÃO COMPREENDE LOGO QUE NÃO É O FUNDADOR DA SOCIEDADE AGORA CONSTITUÍDA (IRMÃOS); CHAMPAGNAT AINDA NÃO PERCEBE QUE O FUNDADOR É ELE. EM TODO CASO, OS DOIS NÃO DUVIDARAM QUE, AJUNTANDO PADRE E IRMÃOS NA MESMA CASA, TRABALHARIAM PARA A SOCIEDADE DE MARIA. OS IRMÃOS LEMBRAM A ELES, ENTRETANTO, QUE TAMBÉM TÊM SUAS PRÓPRIAS IDEIAS: UMA HIERARQUIA DE FUNÇÕES, MAS UM COMPANHEIRISMO FUNDAMENTAL, COMO FOI PRATICADO DESDE A ORIGEM. (LANFREY, 2017, P. 346)



Novamente, é surpreendente descobrir que Champagnat fundou mais três escolas no decorrer de 1826: **Saint-Paul-en-Jares** (Loire), **Mornant** (Rhône) e **Neuville-sur-Saône** (Rhône). Isso nos leva a compreender que o grande impacto dessa crise é experimentado muito mais por Marcelino que pelos Irmãos. Quem perde o seu fundador é Marcelino. Para os Irmãos, a grosso modo, não há mudanças significativas. Pouco se houve falar dessa crise longe de l'Hermitage, já que ela não afeta a abertura de novas escolas.

Foi necessário tempo para que a purificação causada pela perda do líder fosse assimilada por Marcelino Champagnat. Um ano depois de todos esses acontecimentos, em maio de 1827, em um desabafo a Dom Gaston de Pins, escreve:

“ O PROCEDER INFELIZ DAQUELE QUE PARECIA SER O CHEFE É UMA ESPANTOSA INVESTIDA DO INFERNO, MAS JESUS E MARIA SERÃO SEMPRE O AMPARO SEGURO DE MINHA CONFIANÇA. DEUS QUER ESSA OBRA NESTES TEMPOS DE PERVERSIDADE. SEMPRE TEM SIDO ESTA MINHA CONVICÇÃO INABALÁVEL. MAS, AI DE MIM! TALVEZ DEUS QUEIRA OUTROS HOMENS PARA ESTABELECÊ-LA. QUE SEU SANTO NOME SEJA BENDITO! ”
(CARTAS, N. 6)

Depois de vivenciada a crise da liderança espiritual, Champagnat relativiza o papel humano no protagonismo e desenvolvimento da Sociedade de Maria.

*terceira
purificação*

Marcelino reconhece o protagonismo de Deus na missão que realiza.

CRISE DA *perda de prestígio*

Os desdobramentos da crise de saúde de Marcelino na economia e na liderança da Sociedade de Maria tornaram-se públicos entre os padres da arquidiocese de Lyon. Marcelino, que teve com a chegada de Dom Gaston de Pins grande apoio no desenvolvimento do seu trabalho, passa agora a ser alvo de uma investigação, ou melhor dizendo, de uma visita canônica a pedido do arcebispo.

Na **Vida de Champagnat**, Furet nos fala que o motivo da investigação teria sido uma denúncia do padre Courveille contra o padre Champagnat (FURET, 1999, p. 138).

A VISITA ACONTECEU EM 14 DE FEVEREIRO DE 1824.

Na ocasião, padre Champagnat ainda se convalescia na casa paroquial de Saint-Chamond. Assim que soube da inspeção, Marcelino foi até l'Hermitage. O responsável pela visita foi o vigário geral, padre Cattete. Champagnat foi recebido com frieza pelo prelado. Após severo exame dos Irmãos e noviços, padre Cattet recomendou a Marcelino uma formação mais sólida aos Irmãos e o proibiu de fazer novas construções (FURET, 1999, p. 139).

O RESULTADO DA VISITA NÃO FOI
nada favorável
AO PADRE CHAMPAGNAT.

Além de se inteirar da situação financeira da casa, padre Cattete mostrou-se muito cético com a capacidade do padre Champagnat em formar os Irmãos.

Ao voltar à Lyon, o vigário geral propôs ao arcebispo a união dos Irmãos Maristas com os Irmãos do Sagrado Coração, do padre Coindre. Para a sorte dos Irmãos Maristas, este recusou a união. Pelo fim de abril, embora estivesse a par da situação financeira de l'Hermitage, o arcebispo retirou o apoio ao plano de Cattet e o assunto foi esquecido. Padre Coindre faleceu pouco depois, em 30 de maio.

Embora o Arcebispado tenha retirado o apoio da fusão dos Irmãos Maristas com outra congregação, o escândalo provocado pela saída do padre Courveille, no final de maio de 1826, vai fazer padre Cattet novamente propor a fusão da congregação, em 8 de agosto, com parecer contrário e definitivo do Conselho, em favor do padre Champagnat (Cf. FARRELL, 1984).

Meses depois, com a decepcionante queda do padre Courveille e a saída do padre Terrailon, o clero e pessoas em geral começaram a falar sobre o fracasso da primeira tentativa de estabelecimento da Sociedade de Maria na arquidiocese de Lyon. Quem o demonstra é o próprio Champagnat, em carta de 1827 ao vigário geral, padre Barou:



ESTOU SOZINHO, O SENHOR BEM SABE, E ISTO TRAZ PREOCUPAÇÕES ÀS PESSOAS DE FORA, QUE GERALMENTE FALAM SEM CONHECIMENTO DE CAUSA, ME ACUSAM COMO O PRIMEIRO CULPADO PELO AFASTAMENTO DO PADRE COURVEILLE E DO PADRE TERRAILLON. TODOS ESSES CONTRATEMPOS ME CAUSAM PESAR, MAS NÃO SURPRESA. JÁ ESPERAVA E AINDA ESPERO POR PROVAÇÕES MAIS DURAS. SEJA BENDITO O SANTO NOME DE DEUS.

(CARTAS, N. 7)



AO DESCREVER OS SENTIMENTOS
DE SOLIDÃO E DE PESAR,
MARCELINO FAZ ALUSÃO AOS
comentários maldosos
DAS PESSOAS.

De uma hora para outra, a florescente comunidade assiste o abandono dos dois sacerdotes que ajudavam Champagnat. Qual o motivo? O que se passou? Quem são os responsáveis? Como bom líder, Marcelino não deixa chegar até seus Irmãos essas percepções, todavia as enfrenta ciente do grave problema, como o demonstra sua estratégica carta ao padre Barou, responsável à época pela nomeação dos sacerdotes nas respectivas paróquias da arquidiocese.



*quarta
purificação*

**Champagnat relativiza
seu próprio prestígio,**
ante a obra que Deus quer
construir a partir dele e
com ele.

CRISE DO *isolamento*

No primeiro capítulo da segunda parte da Vida de Marcelino, Irmão João Batista Furet assim descreve o Fundador:

“ ERA DE CARÁTER ALEGRE, EXPANSIVO, FRANCO, FIRME, CORAJOSO, ARDOROSO, CONSTANTE E EQUÂNIME. ”

E continua:

“ AO TEMPERAMENTO ALEGRE, EXPANSIVO, ACESSÍVEL, OBSEQUIOSO E CONCILIADOR É QUE O PADRE CHAMPAGNAT DEVEU, EM GRANDE PARTE, O ÊXITO NO MINISTÉRIO SACERDOTAL E NA FUNDAÇÃO DO INSTITUTO. ”

(FURET, 1999, p. 252).

A sociabilidade era marca de Marcelino, assim como sua grande capacidade de fazer amigos. Tinha necessidade de estar com os Irmãos, sobretudo nos recreios e momentos comunitários.

Contudo, no auge da crise de 1826 sentiu a solidão do abandono dos seus confrades sacerdotes. Diante de uma comunidade que crescia de forma consistente, encontrava-se sozinho para a administração e acompanhamento espiritual de todos.

A CRISE DO ISOLAMENTO SE MANIFESTA NA *impossibilidade* DE O PADRE CHAMPAGNAT PODER SE DEDICAR COM AFINCO À TODAS AS FRENTES DE TRABALHO:

formação dos Irmãos, serviço religioso, como celebração dos sacramentos, missas, confissões etc., administração financeira da casa, e, o mais difícil, supervisão e visitas às escolas.

A solidão e isolamento durou mais de oito meses, desde a saída do padre Terrailon, em outubro de 1826, até a chegada do padre Seon, em maio de 1827. Nesse período, Champagnat escreve quatro cartas emblemáticas que descrevem os seus sentimentos:

I.
AO PADRE
Philibert Gardette
(MAIO DE 1827)

"Com muita confiança venho buscar junto à V. Revma. conselho e consolo em meus aborrecimentos. Estou completamente sozinho, como o certamente já sabe. De qualquer modo que eu tente, é-me impossível resolver tudo..."
(Cartas, n. 3)

II.
A UM
vigário geral DE LYON
(MAIO DE 1827)

"Estou sozinho; apesar do que não desanimo, pois sei quanto Deus é poderoso e como suas veredas permanecem ocultas mesmo aos mais clarividentes. Muitas vezes ele atinge o seu objetivo na hora em que nos parece estar distante." (Cartas, n. 4)

II.
A DOM
Gaston de Pins
(MAIO DE 1827)

"Como padre, estou sozinho. Isto me entristece, porém não me desanima, pois aquele que me sustenta se chama Deus Forte." (Cartas, n. 6)

IV.
AO PADRE
Jean-Joseph Barou
(MAIO DE 1827)

"Estou sozinho, o senhor bem sabe, e isto traz preocupação às pessoas que tem estima pela obra e a ajudam." (Cartas, n. 7)

A COMPARAÇÃO ENTRE
ESSAS CARTAS REVELA A
profundidade DA CRISE
VIVIDA POR MARCELINO,
EM ESPECIAL, O ESFORÇO
REALIZADO EM MAIO DE 1827.

Com todas as suas forças, depois de viver um longo período de maturação da crise, Marcelino se abre com confiança aos seus superiores pedindo ajuda, mas ao mesmo tempo, sem que seja a sua intenção, revela a seus confidentes a maturidade de um homem experimentado pela longa crise que está vivendo. Sofre e padece as consequências sem perder a força interior que nasce da convicção de saber quem o sustenta:

“Isto me entristece, porém não me desanima, pois aquele que me sustenta se chama Deus Forte”.

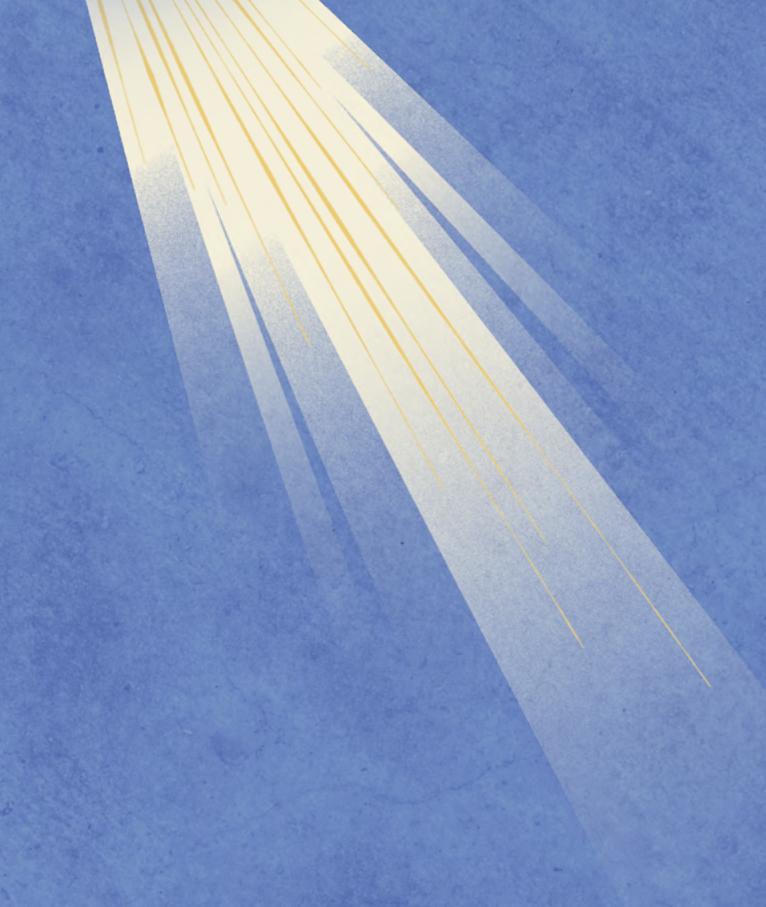
A purificação causada pela solidão que passa Marcelino é contrastada pela confiança e abandono que se manifestam nas cartas desse período. O paradoxo da fé é vivenciado com profundidade pelo fundador: **“Quando sou fraco, então sou forte”** (2 Cor 12:10).

Marcelino nos aponta para a resignificação dos laços afetivos e ao mesmo tempo para uma nova orientação nascida deste período:

DESEJO E PEÇO PARA VOCÊS BENS MAIS CONSISTENTES E VERDADEIROS: SERVIR A DEUS COM FERVOR, CUMPRIR FIELMENTE OS DEVERES DO PRÓPRIO ESTADO, TRABALHAR TODOS DIAS PARA DESAPEGAR NOSSO CORAÇÃO DAS CRIATURAS, AFIM DE ENTREGÁ-LO A JESUS E A MARIA, DEIXÁ-LO AO SABOR DOS MOVIMENTOS DA GRAÇA. (CARTAS, N. 63)

*quinta
purificação*

Champagnat desapega
do coração das criaturas.



CRISE DA *deserção*

A crise de 1826 abalou as estruturas da obra de Champagnat. Nesse momento difícil a liderança do Irmão Estanislau foi decisiva, como antes já observamos. Entretanto, há um silêncio ou uma grande lacuna sobre os dois primeiros Irmãos: **João Maria e Luís**.

SOBRE O PRIMEIRO,

sabemos que, com o passar do tempo, foi se distanciando do projeto educativo que foi ganhando força na obra dos Irmãos. Em 1822, abandonou o posto de diretor da escola de Bourg-Argental para ingressar num mosteiro trapista. Após um mês de retiro, resolveu voltar a l'Hermitage, onde foi recebido novamente por Marcelino Champagnat. Infelizmente, nunca mais voltou ser o mesmo. Apresentando grande desequilíbrio emocional, foi demitido pelo padre Champagnat no final de 1826.

Nesse mesmo ano, Etienne Roumesy, que se mostrara um excelente diretor nas escolas pelas quais havia passado, decidiu abandonar o Instituto para, junto com padre Colomb, dar início a um orfanato que foi dissolvido dois anos depois pelo arcebispo Dom Gaston de Pins.

Por fim, em outubro de 1826 foi a vez dos Irmãos Dominique e Antoine desertarem para acompanhar padre Courveille. Ainda que essa aventura tenha durado pouco, esses mesmos Irmãos retornaram e foram aceitos de novo pelo padre Champagnat.

QUANTO AO IRMÃO LUÍS,

segundo na linha cronológica do Instituto, nesse mesmo tempo enfrentou uma grave crise na vocação, uma vez que estava tentado ao sacerdócio. Conseguiu superá-la depois de longo período de dúvidas e sofrimentos. Todos estes acontecimentos afetaram profundamente padre Champagnat.

sexta purificação

A deserção de alguns dos primeiros Irmãos mostra para Marcelino a necessidade de dar novo passo na consolidação do Instituto como Instituição religiosa.

OS EVENTOS QUE LEVARAM À CRISE DE 1826 FORAM DEVASTADORES EM DIVERSOS ASPECTOS PARA A *casa de l'hermitage*.

Contudo, chama a atenção a capacidade de Marcelino de estancar os efeitos dessa crise, praticamente restringindo-os à comunidade de l'Hermitage.

Nesse período, as demais escolas não apenas continuaram funcionando a contento, como novas foram abertas, em Neuville, Mornant e Saint-Paul-em-Jarret, no Loire. Disso podemos deduzir que, apesar dos seus efeitos duradores, a crise de 1826 não paralisou **a ação e o desenvolvimento** do Instituto Marista.

COMO MARCELINO
VISLUMBROU
futuro
A PARTIR
DESTA
GRANDE CRISE?

Do ponto de vista espiritual, estamos diante de uma das grandes iluminações da espiritualidade do padre Champagnat, o **Nisi Dominus**.

Trata-se de uma experiência forte de Deus a partir da interiorização do Salmo 126: "Se o Senhor não construir a nossa casa, em vão trabalharão os construtores; se o Senhor não vigiar nossa cidade, em vão vigiarão as sentinelas! É inútil levantar-se de madrugada, ou à noite retardar vosso repouso, para ganhar o pão sofrido do trabalho, que a seus amados Deus concedem enquanto dormem".

Em outras palavras:

Sem Deus, tudo em vão.

O NISI DOMINUS NO PADRE CHAMPAGNAT EVOCA UMA *atitude espiritual*

baseada em uma confiança ilimitada em Deus (e, em Maria) e numa desconfiança igualmente profunda de si mesmo. O homem é apenas um “nada”, um “instrumento”, não pode fazer nada sem a graça divina. Por isso a humildade é tão importante na mente de Champagnat. Esta declaração, no final de sua vida, ilustra um dos aprendizados com a crise de 1826, em sua relação com o tema da confiança:

“ A GENTE É APENAS UM INSTRUMENTO, OU MELHOR, NÃO É NADA; DEUS É QUEM FAZ TUDO. VOCÊ DEVERIA COMPREENDER ESSA VERDADE, POIS ESTÁ ENTRE OS VETERANOS E PRESENCIOU AS ORIGENS DO INSTITUTO, ACASO A PROVIDÊNCIA NÃO CUIDOU SEMPRE DE NÓS? NÃO FOI ELA QUE NOS CONGREGOU E NOS FEZ TRIUNFAR DE TODOS OS OBSTÁCULOS? FORNECEU-NOS RECURSOS PARA CONSTRUIR ESTA CASA, ABENÇOOU NOSSAS ESCOLAS E LHE DEU PROSPERIDADE, EMBORA FÔSSEMOS GENTE SEM TALENTO. EM SUMA, NÃO FOI A DIVINA PROVIDÊNCIA QUE TUDO REALIZOU ENTRE NÓS? ORA, ELA CUIDOU DO INSTITUTO ATÉ HOJE, POR QUE NÃO CUIDARIA DELE NO FUTURO? ”
(FURET, 1999, P. 214)

Do ponto de vista administrativo, estes acontecimentos desenrolam-se na reorganização da fundação dos Irmãos em l’Hermitage. Na crise de 1826, Champagnat reformula a associação de Irmãos e introduz os votos perpétuos, criando uma elite de discípulos, da qual os sacerdotes, antes imaginados por ele em um primeiro modelo da Sociedade de Maria, não fazem mais parte. Champagnat vai assumir definitivamente o cargo de fundador dos Irmãos, sem, contudo, deixar de trabalhar e desejar no mais profundo do seu ser a realização da obra dos Padres Maristas (Cf. FURET, 1999, p.189).

A evolução espiritual de Champagnat, no que se refere às dúvidas a respeito da sua fundação por volta de 1824, sobretudo pela iluminação do Nisi Dominus, marca uma nova concepção de Sociedade de Maria, e o Irmão Francisco é o fervoroso discípulo dessa segunda fundação. Champagnat faz essa aposta como uma das consequências da crise, e o primeiro sucessor vai se deixar modelar e impactar, em seu mandato, pela preservação do estilo fundante, especialmente em relação à base espiritual, num estilo de vida religiosa consagrada diferente do modelo associativo de outrora.

ESSA MUDANÇA NÃO ACONTECERÁ SEM CONFLITOS E PERDAS:

Jean-Marie Granjon e Etiennen Roumésy não se adaptarão ao novo modelo, e até mesmo os Irmãos Luís e Jean-Baptiste serão relutantes na emissão de seus votos perpétuos, que só ocorrerão em 1828.

Do ponto de vista eclesial, a crise expõe o fracasso de uma primeira tentativa de fundação da Sociedade de Maria na diocese de Lyon. A crise de 1826 reformula, portanto, a compreensão da finalidade e ação dos Irmãos Maristas, bem como revela à Marcelino quais são os Irmãos com quem ele pode contar no desdobramento da refundação do Instituto Marista. Se em algum momento Champagnat teve dúvidas em relação ao seu papel como fundador da obra dos Irmãos, a carta ao padre Cholleton de 1833 revela uma tomada de consciência do seu papel:

W POR FIM, DEUS EM SUA INFINITA MISERICÓRDIA, MELHOR, TALVEZ EM SUA JUSTIÇA, ME DEVOLVEU A SAÚDE. TRANQUILIZEI MEUS FILHOS, DIZENDO-LHES QUE NADA TEMESSEM, QUE EU COMPARTILHARIA DE TODOS OS SEUS DISSABORES, PARTILHANDO COM ELES ATÉ O ÚLTIMO PEDAÇO DE PÃO. NAQUELA OCASIÃO (A CRISE DE 1826) CONSTATEI QUE NEM UM NEM OUTRO (COURVEILLE E TERRAILLON) TIVERAM SENTIMENTO DE PAI PARA COM MEUS JOVENS... MESMO ESTANDO SOZINHO POR CAUSA DO AFASTAMENTO DO PADRE COURVEILLE E A SAÍDA DO PADRE TERRAILLON, MARIA NÃO NOS ABANDONA. AOS POUCOS VAMOS PAGANDO AS DÍVIDAS, OUTROS IRMÃOS VÊM TOMAR O LUGAR DOS PRIMEIROS. MARIA NOS AJUDA E ISSO NOS BASTA. **W**
(FURET, 1999, P. 214)

Ao contemplarmos de perto e com a ajuda de alguns detalhes históricos a forma como Marcelino Champagnat e os primeiros Irmãos lidaram com a crise de 1826 percebemos que a vulnerabilidade e fragilidade não estiveram ausentes da sua experiência. Percebemos que a solidariedade e a criatividade foram elementos importantes na mitigação dos efeitos da crise. É possível verificar latente a todas essas iniciativas uma confiança que não se confunde com certeza e uma atitude esperançosa que difere do simples otimismo. Houve do começo ao fim um caminho de discernimento e juízo, de purificação e de escolha do essencial. Um caminho de purificação da sua própria espiritualidade. A síntese da experiência espiritual dessa crise pode ser traduzida da seguinte forma: Marcelino fez tudo o que estava ao seu alcance, com todas as forças de sua alma, mas discerniu que o futuro da vida repousa nas mãos de Deus. Ao final não está o fracasso e o nada, mas o abraço misericordioso de Deus. A confiança torna-se purificada dos seus ídolos, a virtude da humildade é vivida como dom, como graça.

EIS UM DOS PILARES DE NOSSA *espiritualidade Marista* PARA OS DIAS DE HOJE.

PARA APROFUNDAR A LEITURA

CHAMPAGNAT, Marcelino. Cartas de Marcelino J. B. Champagnat. Fundador do Instituto dos Irmãos Maristas. Brasília: UMBRASIL, 2019.

- Carta n. 3 ao padre Philibert Gardette – maio de 1827 (p. 90);
- Carta n. 4 a um vigário geral – maio de 1827 (p. 92);
- Carta n. 6 a dom Gaston de Pins – maio de 1827 (p. 95);
- Carta n. 7 ao padre Jean-Joseph Barou – maio de 1827 (p. 98);
- Carta n. 30 ao padre Jean Cholleton – agosto/setembro de 1833 (p. 149).

FURET, Jean-Baptiste. Vida de São Marcelino de José Bento Champagnat. São Paulo: Loyola, 1999 (especialmente capítulos 13 e 14).